

Oração semanal

(5^a-feira, Páscoa 5)

Serra do Pilar, 3 maio 2018

P. Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo!

R. **Ámen!**

P. Estamos, Senhor, reunidos em teu nome;
fica connosco (Lc 24,29), **Aleluia!**

R. **E desça sobre nós a tua bênção, Aleluia !**

P. Glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito do Pai e do Filho!

R. **Glória ao Senhor, que nos dá o seu Espírito** (1Ts 4,8)!

Leitura do Evangelho de Jesus Cristo segundo João (14,23/29)

Disse Jesus aos Discípulos: *Quem me ama porá em prática as minhas palavras, meu Pai amá-lo-á, nós viremos a ele e faremos nele a nossa morada. Quem não me ama não põe em prática as minhas palavras. Ora, a Palavra que estais a ouvir não é minha, é do Pai, que me enviou. Disse-vos estas coisas enquanto estava no meio de vós. Mas o Defensor, o Espírito Santo que o Pai vai enviar em meu nome, é que há-de ensinar-vos tudo e há-de lembrar-vos quanto vos disse. Deixo-vos a paz, dou-vos a minha paz. Não vo-la dou como o mundo o faz. Não deixeis que o vosso coração se perturbe ou se deixe tomar pelo medo. Ouvistes que eu vos disse: 'Vou partir mas voltarei para junto de vós'. Se me tivésseis amor, ficaríeis contente por eu ir para o Pai, porque ele é maior do que eu. Pois bem: se vos disse isto antes de acontecer foi para acreditardes quando realmente vier a suceder.*

Salmo 147

Louvando o Senhor, exulto de alegria!

Louvai o Senhor porque é bom cantar!
É digno e justo louvar o nosso Deus.
O Senhor restaura Jerusalém
e reúne os dispersos de Israel.

Ele cura os corações atribulados
a todos trata as feridas.
Ele fixa o número das estrelas
e a cada uma chama por seu nome.

Grande e forte é o nosso Deus,
a sua sabedoria não tem limites.
O Senhor ampara os humildes
mas derruba os poderosos de seus tronos.

Cantai ao Senhor com gratidão,
cantai ao nosso Deus acompanhados pela harpa.
Ele cobre de nuvens o céu e sobre a terra envia a chuva
que alimenta a erva dos montes.

Ele dá de comer aos animais
e aos filhotes dos corvos quando gritam.
Não é o vigor do cavalo que lhe agrada
nem a força do guerreiro que ele premeia.

Ao Senhor agrada quem o leva a sério
e os que confiam no seu amor.
Glorifica, Jerusalém, o Senhor;
louva, Sião, o teu Deus.

Ele reforçou os ferrolhos das tuas portas
e abençoou os filhos que te habitam.

Ele estabeleceu a paz nas tuas fronteiras
e saciou-te com a flor do trigo.

Ele envia suas ordens à terra
e a sua palavra corre velozmente.
Faz cair a neve, branca como a lã,
e espalha a geada como se fora cinza.

Faz cair o granizo como migalhas de pão,
ao seu frio, quem pode resistir?
Envia a sua palavra e o gelo derrete,
faz soprar o vento e correm as águas.

Ele revela os seus planos a Jacob,
seus preceitos e sentenças a Israel.
Nada assim fez com outro povo,
a nenhum revelou seus mandamentos.

Glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito,
ao Deus que era, que é e que vem!
Glória à Verdade que nos veio libertar,
Glória à Graça que nos trouxe a Justiça!

Ficou vazio o sepulcro de Jesus?

Todos os evangelistas contam que, no dia seguinte ao da crucifixão, muito de manhãzinha, umas mulheres abeiraram-se do sepulcro onde tinha sido depositado o cadáver de Jesus e encontraram-no aberto e vazio. Naturalmente, ficaram surpreendidas e perturbadas. Segundo o relato, um "anjo" de Deus acalmou-as com estas palavras: "Não vos assusteis! Buscais a Jesus de Nazaré, o crucificado? Ressuscitou; não está aqui. Vede o lugar onde o tinham depositado. Ide, pois, e dizei aos seus discípulos e a Pedro: 'Ele precede-vos a caminho da Galileia; lá o vereis'". Trata-se

de um relato tardio. As primeiras profissões de fé e os primeiros hinos litúrgicos que falam da ressurreição de Jesus ou da sua exaltação à vida de Deus nada dizem acerca do sepulcro vazio. Também Paulo de Tarso não menciona este facto nas suas cartas. Só se fala do sepulcro vazio a partir dos anos setenta. Tudo parece indicar que isso não teve um papel significativo no nascimento da fé em Cristo ressuscitado. Só adquiriu importância quando foi integrado noutras tradições que falavam das "aparições" de Jesus ressuscitado.

Não é fácil saber se as coisas aconteceram tal como são descritas nos evangelhos. Para começar, não é fácil saber com certeza como e onde foi enterrado Jesus. Os romanos costumavam deixar os crucificados no patíbulo, abandonados aos cães selvagens e às aves de rapina, para depois deitarem os restos numa fossa comum ou num monturo, sem culto nem honras fúnebres. Essa humilhação final do justicado fazia parte do rito da crucifixão. Teria terminado assim Jesus, numa fossa comum, onde apodreciam muitos outros justicados expulsos da vida, sem honra nenhuma? Historicamente, é pouco provável. Segundo uma tradição, Jesus foi enterrado pelas mesmas autoridades judaicas que "exigiram a Pilatos que o mandasse matar"; "desceram-no, depois, do madeiro e sepultaram-no". O dado é verosímil. As autoridades de Jerusalém estavam preocupadas. Iam começar as festas da Páscoa, e aqueles corpos, penderes da cruz, manchavam a terra e contaminavam toda a cidade. Jesus e os seus companheiros tinham que ser enterrados depressa, sem cerimónia alguma, antes que começasse aquele solene Sábado da Páscoa.

Contudo, os evangelhos, dão-nos outra versão. Reconhecem honestamente que não foram os seus discípulo que trataram do enterro de Jesus. Esses tinham fugido todos para a Galileia. As mulheres também não puderam intervir, embora tenham acompanhado o enterro "desde longe". Mas houve um homem bom, chamado José de Arimateia, desconhecido pelas fontes até àquele

momento, que pediu a Pilatos a devida autorização e pôde enterrá-lo "num sepulcro cavado na rocha". Não deixa de haver pontos obscuros sobre a identidade de José de Arimateia e sobre a sua actuação, mas também é possível que as coisas tenham acontecido assim. Sabemos que, pontualmente, as autoridades romanas davam a sua autorização e permitiam que um crucificado pudesse receber uma sepultura digna e respeitável por parte de amigos ou familiares. É difícil saber o que realmente aconteceu. Jesus, quase com toda a certeza, não teve um enterro com honras fúnebres. Os seus seguidores não assistiram: os homens tinham-se escondido e as mulheres só podiam contemplar de longe. Tudo foi muito rápido, pois era necessário fazê-lo antes que chegasse a noite. Não sabemos com certeza se foram os soldados romanos ou se foram os servos do templo que se ocuparam disso. Ignoramos se acabou numa fossa comum como tantos condenados, ou se José de Arimateia pôde fazer alguma coisa para o sepultar em algum sepulcro das redondezas.

Para muitos investigadores, também não fica claro que as mulheres tenham encontrado vazio o sepulcro de Jesus. A questão põe-se nestes termos: esta narração pretenderá descrever, realmente, o que aconteceu, ou será, antes, uma dedução nascida a partir da fé na ressurreição de Jesus que já estava consolidada entre os seus seguidores? Será uma narração que recolhia o que aconteceu, ou tratar-se-á, antes de uma composição literária que pretendia pôr por escrito aquilo em que todos acreditavam? Se Jesus tinha ressuscitado, não era preciso procurá-lo no mundo dos mortos. O episódio pode ter acontecido realmente, e não faltam razões para o afirmar. Toma-se muito difícil imaginar que se inventasse uma história assim, com a finalidade de reforçar com todo o realismo a ressurreição de Jesus, escolhendo como protagonista precisamente um grupo de mulheres, cujo testemunho era tão pouco valorizado na sociedade judaica. Não poderia até vir a ter o efeito contrário, isto é, que um assunto tão importante como o da ressurreição de Jesus se transformasse num "assunto de mulheres"? Doutra maneira, seria

possível proclamar a ressurreição de alguém na cidade de Jerusalém se se pudesse demonstrar que o cadáver desse alguém continuava ali no sepulcro?

Uma leitura atenta do relato permite lê-lo numa perspectiva que está muito para além do meramente histórico. Na realidade, o decisivo na narração não é o sepulcro vazio, mas a "revelação" que o enviado de Deus faz as mulheres. O relato não parece ter sido escrito para apresentar o sepulcro vazio de Jesus como prova da sua ressurreição. De facto, o que isso provocara nas mulheres não tinha sido fé, mas medo, temor e surpresa. É a mensagem do anjo que é necessário escutar e, naturalmente, esta revelação exige fé. Só quem crer na explicação que oferece o enviado de Deus, poderá descobrir o verdadeiro sentido do sepulcro vazio.

É difícil, pois, chegar a uma conclusão irrefutável. O que, sim, podemos dizer é que o relato não pretende senão expor, de maneira gráfica, o que a primeira e a segunda gerações cristãs professavam: "Jesus de Nazaré, o crucificado, foi ressuscitado por Deus". Concretamente, as palavras postas na boca do anjo não fazem senão repetir, quase ao pé da letra, a pregação dos primeiros discípulos. Era outra maneira de proclamar a vitória de Deus sobre a morte, sugerindo por escrito que Deus tinha aberto as portas do *sheol* para que Jesus, o crucificado, pudesse escapar ao poder da morte. Mais que uma informação histórica, o que encontramos nestes relatos é a pregação dos primeiros cristãos sobre a ressurreição de Jesus. Tudo leva a crer que não foi o sepulcro vazio o que gerou a fé em Cristo ressuscitado, mas o "encontro" que viveram os seguidores, aqueles que o experimentaram cheio de vida depois da sua morte.

Então, por que é se terá escrito este relato? Há quem pense que nasceu para explicar a origem de uma celebração cristã que teria lugar ao "pé do sepulcro de Jesus, pelo menos uma vez por ano, e que consistiria numa peregrinação que subia até aquele lugar sagrado no dia da Páscoa, ao nascer o sol. O apogeu dessa celebração consistiria, precisamente, na leitura desse relato. Aos

peregrinos vindos até ao sepulcro era anunciada a Boa Notícia: "Buscais a Jesus de Nazaré, o crucificado? Ressuscitou; não está aqui. Vede o lugar onde o tinham depositado". A hipótese é sugestiva e não pode ser posta de lado. Contudo, toma-se muito difícil demonstrar a sua consistência.

É mais fácil pensar que o relato nasceu em ambientes populares onde se entendia a ressurreição corporal de Jesus de maneira material e física, como uma continuidade do seu corpo terreno. Para esses crentes, este relato resultava fascinante. Onde é que a vitória de Deus sobre a morte se podia compreender melhor que num sepulcro vazio? Contudo, nem todos os judeus daquele tempo pensavam de maneira tão "material". Havia quem atribuísse ao ressuscitado um corpo novo e transformado, ou quem falasse de uma ressurreição espiritual sem corpo. É esclarecedora a atitude de Paulo de Tarso, que explica e desenvolve a sua teologia da ressurreição "corporal" de Cristo sem que tenha necessidade de falar do sepulcro vazio. Evidentemente que, para Paulo, Jesus tem um "corpo glorioso", mas isto não parece implicar necessariamente a vivificação do corpo que tinha no momento de morrer. Paulo insiste que "a carne e o sangue (o homem terreno) não podem herdar o reino de Deus". Para ele, a ressurreição de Jesus era uma "novidade" radical, fosse qual fosse o destino do seu cadáver. Deus criou para Jesus um "corpo glorioso", no qual se recolheu a integridade da sua vida histórica. Para essa transformação radical não parece que o Criador tivesse necessidade da substância bioquímica dos restos depositados no sepulcro.

Em qualquer caso, o relato do sepulcro vazio, tal como foi recolhido no final dos escritos evangélicos, encerra uma mensagem de grande importância: era um erro procurar o crucificado no sepulcro. Não estava lá. Não pertencia ao mundo dos mortos. Era um equívoco render-lhe homenagens de admiração e de reconhecimento pelo seu passado. Ressuscitou. Estava mais cheio de vida do que nunca. Ele continuava a animar e a guiar os seus

seguidores. Era preciso "voltar para a Galileia" a fim de seguir os seus passos: continuar a curar os que sofriam, a acolher os excluídos, a perdoar aos pecadores, a defender as mulheres e a abençoar as crianças. Era preciso continuar a organizar refeições abertas a todos, a entrar nas casas com o anúncio da paz. Era preciso contar parábolas sobre a bondade de Deus e denunciar toda a religião que fosse contra a felicidade das pessoas. Era preciso continuar a anunciar que o reino de Deus estava próximo. Com Jesus, era possível um mundo diferente, mais amável, mais digno e mais justo. A esperança era para todos: "Ide... Ele precede-vos a caminho da Galileia; lá o vereis".

(José Antonio Pagola — *Jesus, uma abordagem histórica*, pp. 445-450)

Pai nosso...

Oremos (...)

Senhor, nosso Deus e Pai nosso,
que nos deste o teu Verbo
e em nossos corações derramaste o teu Espírito,
tira-nos o medo dos grandes espaços do Homem e do Mundo,
dos grandes desertos de perigos muitos,
o medo que ganhámos aos Tempos Modernos
e dá-nos coragem e desassombro pastoral
para continuarmos os Actos e os Passos
com alegria e simplicidade.

Por Jesus, teu Cristo, to pedimos,
na unidade do Espírito Santo:

Amen!